

## A CASA UNIVERSAL DE JUSTIÇA

2 de março de 2013

Aos Bahá'ís do Irão

Amigos muito queridos,

Ao longo das últimas três décadas e meia, ondas de perseguição, uma após a outra, com intensidades variáveis, assolaram a vossa severamente provada e corajosa comunidade, uma avalanche que não é senão a última de uma série desencadeada há cento e sessenta anos. Contudo, ao contrário das expectativas dos que se empenharam em enfraquecer a força da comunidade dos seguidores de Bahá'u'lláh na Sua pátria, as suas maquinacões acabaram de servir para reforçar os seus alicerces e fortalecer as suas fileiras. É cada vez maior o número dos vossos compatriotas, também eles vítimas de opressão que, além de discernirem claramente o rasto das injustiças perpetradas contra os Bahá'ís ao longo dos anos, também reconhecem no vosso ininterrupto registo de desinteressado serviço à sociedade uma força de mudança construtiva. À medida que aumenta a simpatia pela vossa situação, aumenta também o número de vozes que apela à remoção dos obstáculos que vos impedem de participar na vida da sociedade em todas as suas dimensões. Por esse motivo, não é de admirar que as questões que dizem respeito à postura dos Bahá'ís, de todas as partes do mundo, quanto à atividade política, adquiram uma maior importância aos olhos dos vossos concidadãos.

Naturalmente, do ponto de vista histórico, é peculiar a posição em que se encontra a comunidade Bahá'í iraniana relativamente a este assunto. Por um lado, foi falsamente acusada de ter motivações políticas contra o regime prevalecente – de ser agente de qualquer potência estrangeira que melhor convier ao objetivo da acusação. Por outro lado, a recusa intransigente dos membros da comunidade em participar na atividade político partidária tem sido retratada como falta de preocupação pelos assuntos do povo iraniano. Agora que as verdadeiras intenções dos vossos opressores foram postas a descoberto, compete-vos responder ao interesse cada vez maior dos vossos concidadãos na compreensão da atitude Bahá'í sobre o envolvimento na política, para que mal-entendidos não enfraqueçam as relações de amizade que estais a estabelecer com tantas almas. A esse respeito, merecem mais do que algumas declarações, embora importantes, evocadoras de imagens de amor e unidade. Para vos auxiliar a transmitir-lhes a visão da estrutura que molda a abordagem Bahá'í sobre este assunto, iremos tecer de seguida alguns comentários.

A conceção da história, do seu decurso e direção são inseparáveis da perspectiva Bahá'í sobre política. Cada um dos seguidores de Bahá'u'lláh está fortemente convicto que, hoje em dia, a humanidade se está a aproximar de uma etapa culminante num processo milenar que a trouxe da sua infância coletiva até ao limiar da maturidade – uma etapa que irá testemunhar a unificação da raça humana. Tal como o indivíduo que passa pelo agitado,

embora promissor, período da adolescência, durante o qual poderes e capacidades latentes se tornam manifestos, também a humanidade, como um todo, está no meio de uma transformação sem precedente. Por detrás de toda esta turbulência e comoção da vida contemporânea encontram-se os altos e baixos de uma humanidade que luta para atingir a maioridade. Práticas e normas amplamente aceites, atitudes e costumes apreciados estão a ser, um a um, considerados obsoletos à medida que os imperativos da maturidade se vão afirmando.

Os Bahá'ís são encorajados a ver nas mudanças revolucionárias que ocorrem em todas as áreas da vida a interação de dois processos fundamentais. Um deles é de natureza destrutiva, ao passo que o outro é integrativo; ambos servem para levar a humanidade, cada um à sua maneira, ao longo de um caminho que conduz à sua plena maturidade. A ação do primeiro é evidente em toda a parte – nas vicissitudes que estão a afligir instituições consagradas pelo tempo; na impotência dos dirigentes, em diversos níveis, de remediarem as falhas que surgem na estrutura da sociedade; no dismantelamento das normas sociais que, durante muito tempo, alimentaram paixões indecorosas; e no desânimo e indiferença revelados não só por indivíduos como também por sociedades inteiras que perderam por completo o vital sentido de propósito. As forças de desintegração, apesar de terem efeitos devastadores, tendem a dismantelar as barreiras que impedem o progresso da humanidade, criando ocasiões para o processo de integração juntar diversos grupos e desvelando novas oportunidades de cooperação e colaboração. Naturalmente, os Bahá'ís procuram alinhar-se, individual e coletivamente, com as forças associadas ao processo de integração, o qual eles confiam irá continuar a fortalecer-se, apesar da desolação dos próximos tempos. Os afazeres humanos serão completamente reorganizados e uma era de paz universal será inaugurada.

Esta é a visão da história subjacente a todos os empreendimentos realizados pela comunidade Bahá'í.

Como sabeis do vosso estudo das escrituras Bahá'ís, o princípio que vai inspirar todas as facetas da vida organizada do planeta é a unicidade da humanidade, a característica da idade da maturidade. O facto de a humanidade constituir um único povo, um facto antigamente olhado com ceticismo, reivindica hoje em dia uma aceitação generalizada. A rejeição de preconceitos profundamente enraizados e o crescente sentimento de cidadania mundial estão entre os sinais dessa consciência elevada. No entanto, embora este aumento da consciência coletiva seja promissor, ele deve ser considerado como o primeiro passo de um processo que demorará décadas – ou melhor, séculos – a desenrolar-se. Pois o princípio da unicidade da humanidade, tal como proclamado por Bahá'u'lláh, não é apenas uma mera cooperação entre povos e nações. Convida a uma total reconceptualização das relações que sustentam a sociedade. A profunda crise ambiental acionada por um sistema que pactua com a pilhagem de recursos naturais para satisfazer uma sede insaciável para obter mais, demonstra como está totalmente desadequada a atual conceção do relacionamento da humanidade com a natureza; a deterioração do ambiente doméstico, acompanhado do aumento da exploração de mulheres e crianças em todo o planeta, deixa claro como estão entranhadas as noções ilegítimas que definem as relações no seio da unidade familiar; a persistência do despotismo, por um lado, e o crescente desrespeito pela autoridade, por outro, revelam como são insatisfatórias para uma humanidade mais madura as atuais

relações entre o indivíduo e as instituições da sociedade; a concentração de riqueza material nas mãos de uma minoria da população mundial é indicadora de como estão fundamentalmente mal concebidas as relações entre os diferentes setores daquilo que é atualmente uma comunidade global emergente. O princípio da unicidade da humanidade implica, então, uma mudança orgânica na própria estrutura da sociedade.

O que precisa ser claramente declarado aqui é que os Bahá'ís não acreditam que a transformação assim vislumbrada se concretizará exclusivamente através dos seus próprios esforços. Nem estão a tentar criar um movimento que vise impor à humanidade a sua visão do futuro. Todas as nações e todos os grupos – na realidade, todos os indivíduos – irão, em maior ou menor grau, contribuir para a emergência de uma civilização mundial em cuja direção a humanidade se está irresistivelmente a movimentar. A unidade será progressivamente alcançada nos diferentes reinos da existência tal como 'Abdu'l-Bahá previu, por exemplo, “a unidade no reino da política”, “a unidade de pensamento nas atividades mundiais”, “a unidade das raças” e “a unidade das nações”. À medida que isto se concretizar, as estruturas de um mundo politicamente unido, que respeita toda a diversidade de culturas e que proporciona os meios para a expressão da dignidade e da honra, irão gradualmente ganhar forma.

Então, a questão que ocupa a comunidade mundial Bahá'í é como pode melhor contribuir para o processo de construção da civilização à medida que os seus recursos aumentam. Encontra duas dimensões para o seu contributo. A primeira está relacionada com o seu próprio crescimento e desenvolvimento, e a segunda com o seu envolvimento com a sociedade em geral.

No que respeita ao primeiro, os Bahá'ís espalhados pelo planeta, nas mais modestas condições, estão a esforçar-se para estabelecer um padrão de atividade e as correspondentes estruturas administrativas que incorporam o princípio da unicidade da humanidade e as suas convicções subjacentes, das quais apenas algumas serão aqui mencionadas para ilustrar o que dizemos: que uma alma racional não possui género, raça, grupo étnico ou classe social, um facto que torna intolerável qualquer forma de preconceito, dos quais não menos importantes são os que impedem as mulheres de cumprir o seu potencial e de se envolver nos diversos campos de atividade lado a lado com os homens; que a causa fundamental do preconceito é a ignorância, a qual pode ser erradicada através de processos educativos que tornem o conhecimento acessível a toda a raça humana, assegurando que este não se torna propriedade de um pequeno grupo de privilegiados; que a ciência e a religião são dois sistemas complementares de conhecimento e práticas através dos quais os seres humanos compreendem o mundo à sua volta e através dos quais a civilização progride; que religião sem ciência degenera rapidamente em superstição e fanatismo, enquanto ciência sem religião se torna materialismo bruto; que a verdadeira prosperidade, o fruto da coerência dinâmica entre os requisitos materiais e espirituais da vida, vai regredir cada vez mais à medida que o consumismo continuar a agir como ópio na alma humana; que a justiça, enquanto faculdade da alma, capacita o indivíduo a distinguir a verdade da falsidade e guia a investigação da realidade, tão essencial para que as crenças supersticiosas e as tradições desgastadas que bloqueiam a unidade possam ser eliminadas; ter em mente, sempre que for adequado no que respeita aos assuntos sociais, que a justiça é o instrumento mais importante para o estabelecimento da unidade; que o trabalho quando realizado em espírito

de serviço ao próximo é uma forma de oração, um meio de adorar a Deus. Não há dúvida que, traduzir ideias como estas para a realidade, efetuar a transformação ao nível do indivíduo e construir as bases das estruturas sociais adequadas, não é tarefa fácil. No entanto, a comunidade Bahá'í está dedicada ao processo de aprendizagem de longa duração que esta tarefa implica, um empreendimento no qual números cada vez maiores provenientes de todos os quadrantes da vida, de todos os grupos de seres humanos, são convidados a tomar parte.

Naturalmente são numerosas as questões a que deve responder o processo de aprendizagem já em curso em todas as regiões do mundo: como juntar pessoas de diferentes antecedentes num ambiente que, isento da ameaça constante de conflito e distinguido pelo seu carácter devocional, as encoraje a pôr de lado as formas de divisão da mentalidade partidária, promova níveis de unidade de pensamento e ação mais elevados e suscite a participação sincera; como administrar os assuntos de uma comunidade onde não existe uma classe dominante com funções eclesiásticas que possa reivindicar distinções ou privilégios; como capacitar contingentes de homens e mulheres a quebrar os grilhões da passividade e as correntes da opressão para se envolverem em atividades conducentes com o seu desenvolvimento espiritual, social e intelectual; como ajudar os jovens a passar através de uma etapa crucial das suas vidas e a ficarem empoderados para direcionar as suas energias para o progresso da civilização; como criar dinâmicas no seio de uma unidade familiar que conduzam à prosperidade material e espiritual sem instilar nas gerações em ascensão sentimentos de alienação para com um ilusório “outro” ou sem nutrir qualquer instinto para explorar os relegados a essa categoria; como tornar possível que a tomada de decisão beneficie da diversidade de perspetivas obtidas através de um processo consultivo que, sendo compreendido como a investigação coletiva da realidade, promova o desprendimento dos pontos de vista pessoais, dê a devida importância à informação empírica válida, não eleve meras opiniões ao estatuto de factos ou defina a verdade como o compromisso entre grupos de interesses opostos. Para explorar estas questões e outras que irão certamente aparecer, a comunidade Bahá'í adotou um modo de funcionamento caracterizado pela ação, reflexão, consulta e estudo – estudo esse que envolve não só referências constantes às escrituras da Fé como também a análise científica dos padrões em desenvolvimento. Na verdade, como manter tal modo de aprendizagem em ação, como assegurar que números cada vez maiores de pessoas participem na produção e aplicação de conhecimento relevante, e como conceber estruturas para a sistematização da experiência mundial em expansão e para a distribuição equitativa das lições aprendidas – são, eles próprios, objeto de análise regular.

A direção geral do processo de aprendizagem que a comunidade Bahá'í está a prosseguir é guiada por uma série de planos mundiais, cujas provisões são estabelecidas pela Casa Universal de Justiça. A construção de capacidade é o lema desses planos: visam capacitar os protagonistas do esforço coletivo a fortalecer os alicerces espirituais em aldeias e bairros, a responder a determinadas necessidades socioeconómicas e a contribuir para os discursos prevalecentes na sociedade, ao mesmo tempo que mantém a necessária coerência nos métodos e abordagens.

No âmago do processo de aprendizagem está a investigação sobre a natureza das relações que unem os indivíduos, a comunidade e as instituições da sociedade – as

personagens da história que, ao longo do tempo, têm estado presas numa luta pelo poder. Neste contexto, a assunção que as relações entre elas estarão inevitavelmente em conformidade com os ditames da competição, uma noção que ignora o extraordinário potencial do espírito humano, foi posta de lado em prol da premissa que as suas interações harmoniosas podem promover uma civilização que convenha a uma humanidade madura. O que anima o esforço Bahá'í de descobrir a natureza de um novo tipo de relações entre estes três protagonistas é a visão de uma sociedade futura que deriva inspiração da analogia descrita por Bahá'u'lláh há um século e meio, a qual compara o mundo ao corpo humano. A cooperação é o princípio que governa o funcionamento desse sistema. Tal como é possível o aparecimento da alma racional neste reino através da complexa associação de um incontável número de células, cuja organização em tecidos e órgãos possibilita a realização de capacidades distintivas, também a civilização pode ser vista como o resultado de um conjunto de interações entre componentes diversos e intimamente integrados que transcenderam o exíguo propósito de assegurar a sua própria existência. E assim como a viabilidade de cada célula e de cada órgão é contingente da saúde de todo o organismo, também a prosperidade de cada indivíduo, de cada família, de cada povo é procurada no bem-estar de toda a raça humana. Com esta visão em mente, as instituições, apreciando a necessidade de ação coordenada canalizada para fins frutíferos, visam nutrir e guiar os indivíduos ao invés de os controlar; estes, por sua vez, recebem a guia de bom grado, não com confiança cega, mas sim com uma fé fundamentada no conhecimento consciente. Entretanto, a comunidade assume o desafio de sustentar um ambiente no qual os poderes dos indivíduos, que desejam exercitar responsabilmente a auto-expressão em sintonia com o bem-estar comum e os planos das instituições, se multiplicam em ações unificadas.

É preciso examinar cuidadosamente alguns conceitos fundamentais para que a teia de relações anteriormente aludidas sirva para dar forma e originar um padrão de vida distinguido pela adesão ao princípio da unicidade da humanidade. O mais notável entre estes é o conceito de poder. É evidente que é preciso abandonar o conceito de poder enquanto forma de domínio, acompanhado das noções de contestação, contenção, divisão e superioridade. Isso não implica a negação da operação do poder; afinal, mesmo nos casos em que as instituições da sociedade receberam os seus mandatos com o consentimento do povo, o poder está envolvido no exercício da autoridade. Mas os processos políticos, tal como os outros processos da vida, não devem permanecer alheios aos poderes do espírito humano que a Fé Bahá'í – sobre este assunto, cada uma das grandes tradições religiosas que apareceu ao longo das épocas – espera descerrar: o poder da unidade, do amor, do serviço humilde, dos atos puros. Neste sentido, associado ao poder estão palavras como “libertar”, “encorajar”, “canalizar”, “guiar” e “capacitar”. O poder não é uma entidade finita que posse ser “dimensionada” e “invejosa guardada”; constitui a capacidade ilimitada de transformar o que é inerente à raça humana enquanto organismo.

A comunidade Bahá'í reconhece prontamente que é preciso percorrer uma distância considerável até que a sua experiência crescente produza as percepções necessárias no funcionamento do desejado conjunto de interações. Não clama perfeição. Possuir ideais elevados e ser a sua personificação não são sinónimos. Existem miríades de desafios à frente e muito para ser aprendido. O observador casual pode muito bem escolher etiquetar como “idealistas” as tentativas da comunidade para ultrapassar esses desafios. Contudo, o que não pode ser justificado é que os Bahá'ís sejam retratados como desinteressados dos

assuntos dos seus próprios países, muito menos de não serem patriotas. Embora, para algumas pessoas, os empreendimentos Bahá'ís possam parecer idealistas, não pode ser ignorada a sua forte preocupação pelo bem da humanidade. E considerando que nenhuma disposição no mundo parece ser capaz de elevar a humanidade acima do pantanal do conflito e da contenção e de assegurar a sua felicidade, porque motivo haveria um governo de se opor aos esforços de um grupo de pessoas para aprofundar a sua compreensão da natureza das relações essenciais inerentes ao futuro comum para o qual a raça humana se está inexoravelmente a dirigir? Que mal há nisso?

Assim, no seio da estrutura definida pelas ideias anteriores, é possível considerar a segunda dimensão das iniciativas da comunidade Bahá'í na contribuição para o progresso da civilização: o seu envolvimento na sociedade em geral. Naturalmente, o que os Bahá'ís veem como um aspeto do seu contributo não pode contradizer o outro. Não podem procurar estabelecer padrões de pensamento e ação que deem expressão ao princípio da unicidade no seio da sua comunidade e depois envolverem-se em atividades num outro contexto, seja em que extensão for, que reforcem um conjunto de assunções completamente diferentes sobre a existência social. Para evitar tal dualidade, a comunidade Bahá'í refinou progressivamente ao longo do tempo, com base nos ensinamentos da Fé, as características principais da sua participação na vida social. Em primeiro lugar e acima de tudo, as iniciativas Bahá'ís, sejam individuais ou comunitárias, levam à prática a ordem de Bahá'u'lláh: “Os que estão imbuídos de sinceridade e de fidelidade devem associar-se a todos os povos e raças da terra, jubilosa e radiantemente, desde que a harmoniosa associação com as pessoas tem promovido e continuará a promover a unidade e a concórdia, as quais por sua vez conduzem à manutenção da ordem no mundo e à regeneração das nações.” ‘Abdu’l-Bahá explica que é através da “associação e reunião” que “encontramos felicidade e desenvolvimento, tanto individual como coletivo.” “Tudo o que é conducente à camaradagem, à atração e à união dos filhos dos homens”, escreveu Ele a este respeito, “é o canal da vida do mundo humano, e o que quer que provoque divisão, aversão, distanciamento leva à morte da humanidade.” Ele deixou claro que, mesmo no caso da religião, esta “deve ser causa de amor e afeição. Se a religião se tornar causa de contenda, ódio e divisão, o melhor seria deixá-la.” É, por isso, que os Bahá'ís se esforçam constantemente, em todos os momentos, para dar atenção ao conselho de Bahá'u'lláh: “Fechai os vossos olhos para a separação e então fixai o vosso olhar na unidade.” “É homem, verdadeiramente,” exorta Ele os Seus seguidores, “quem hoje se dedica ao serviço da humanidade inteira.” “Zelai cuidadosamente pelas necessidades da época em que viveis” é a Sua advertência, “e concentraí as vossas deliberações nas suas exigências e nos seus requisitos.” “A necessidade suprema da humanidade é a cooperação e reciprocidade,” indica ‘Abdu’l-Bahá. “Quanto mais fortes forem os laços de camaradagem e solidariedade entre os homens, tanto maior será o poder de construção e de realização em todos os planos da atividade humana.” “Tão poderosa é a luz da unidade” declara Bahá'u'lláh, “que pode iluminar toda a terra.”

É com estes pensamentos em mente que os Bahá'ís entram em colaboração, à medida que os seus recursos o permitem, com um número cada vez maior de movimentos, organizações, grupos e indivíduos, estabelecendo parcerias que se esforçam para transformar a sociedade e fomentar a causa da unidade, promover o bem-estar humano, e contribuir para a solidariedade mundial. Na verdade, o padrão definido por passagens tais

como as anteriores inspira a comunidade Bahá'í a envolver-se ativamente sempre que possível nos múltiplos aspetos da vida contemporânea. Nos campos de colaboração escolhidos, os Bahá'ís devem ter presente o princípio consagrado nos seus ensinamentos, ou seja, devem ser consistentes com os fins; metas nobres não podem ser alcançadas através de meios indignos. Mais especificamente, não é possível construir uma unidade duradoura com recurso a iniciativas que exijam contendas nem assumir que um conflito de interesses inerente está subjacente a todas as interações humanas, embora subtilmente. É preciso assinalar aqui que, apesar das limitações impostas por este princípio, a comunidade não experimentou escassez de oportunidades de colaboração; são tantas as pessoas no mundo que hoje em dia estão a trabalhar intensivamente por um ou outro dos objetivos que os Bahá'ís partilham. A este respeito, também têm cuidado para não ultrapassar certos limites junto dos seus colegas e associados. Não olham para qualquer união como uma oportunidade para impor convicções religiosas. A devoção fingida e outras manifestações infelizes de zelo religioso devem ser completamente evitadas. No entanto, os Bahá'ís disponibilizam prontamente aos seus colaboradores as lições que aprenderam através da sua própria experiência, assim como incorporam com alegria nos seus esforços de construção de comunidades as perceções adquiridas através de tais associações.

Isso traz-nos finalmente a uma questão específica da atividade política. A convicção da comunidade Bahá'í que a humanidade, tendo passado pelos estágios iniciais da evolução social, está no limiar da sua maturidade coletiva; a sua crença que o princípio da unicidade da humanidade, a característica da idade da maturidade, implica uma mudança na própria estrutura da sociedade; a sua dedicação ao processo de aprendizagem que, animado por este princípio, explora os trabalhos de um novo conjunto de relações entre o indivíduo, a comunidade e as instituições da sociedade, os três protagonistas do progresso da civilização; a sua confiança que uma nova conceção de poder, livre da noção de domínio acompanhado das ideias de contestação, contenção, divisão e superioridade, está subjacente ao desejado conjunto de relações; o seu compromisso com uma visão do mundo que, beneficiando da rica diversidade cultural da humanidade, não se conforma com linhas de separação – todos estes aspetos anteriormente resumidos constituem elementos essenciais da estrutura que molda a abordagem Bahá'í sobre a política.

Os Bahá'ís não procuram poder político. Não aceitam postos políticos nos seus respetivos governos, seja qual for o sistema que exista, mas podem aceitar postos que sejam de natureza puramente administrativa. Não se filiam em partidos políticos, não se envolvem em assuntos partidários, nem participam em programas ligados a agendas divisivas de determinado grupo ou fação. Ao mesmo tempo, os Bahá'ís respeitam os que, movidos por um desejo sincero de servir os seus países, escolhem enveredar por aspirações políticas ou envolver-se na atividade política. A abordagem adotada pela comunidade Bahá'í de não se envolver em tal atividade não é para ser tomada como uma declaração que exprime uma objeção fundamental à política na verdadeira aceção da palavra; na verdade, a humanidade organiza-se a si própria através dos seus assuntos políticos. Os Bahá'ís votam nas eleições civis, desde que ao fazê-lo não precisem de se identificar com um determinado partido político. Relativamente a isto, olham o governo como um sistema para manter o bem-estar e o progresso ordeiro da sociedade, e todos eles observam as leis do país onde residem, sem permitir que os seus direitos religiosos sejam violados. Os Bahá'ís não tomam parte nas instigações para derrubar o governo. Nem tampouco interferem nas relações políticas entre

os governos dos diferentes países. Isso não quer dizer que são ingênuos em relação aos projetos políticos do mundo atual ou que não sabem distinguir as regras justas das tirânicas. Os governantes da terra têm de cumprir obrigações sagradas perante os seus povos, os quais devem ser vistos como o mais precioso tesouro de cada nação. Os Bahá'ís, onde quer que residam, esforçam-se para manter o estandarte da justiça, respondendo às iniquidades dirigidas a si próprios ou a outros, mas apenas através dos meios legais que estão à sua disposição abstendo-se de qualquer forma de protesto violento. Além disso, o amor que dedicam à humanidade nos seus corações não pode, de modo algum, estar em contradição com o sentido de dever que eles sentem de usar as suas energias ao serviço dos seus respetivos países.

A abordagem, ou se preferirdes a estratégia, com o simples conjunto de parâmetros delineados nos parágrafos anteriores, num mundo onde as nações e as tribos estão desavindas umas contra as outras e os povos divididos e separados por estruturas sociais, capacita a comunidade a manter a sua coesão e integridade enquanto entidade global e a assegurar que as atividades dos Bahá'ís num país não prejudicam a existência dos que residem noutros locais. A comunidade Bahá'í, protegida dos interesses concorrentes das nações e dos partidos políticos, fica assim capaz de construir a sua capacidade de contribuir para os processos que promovem a paz e a unidade.

Queridos Amigos: Reconhecemos que percorrer este caminho, como estais a fazer tão habilmente há décadas, tem os seus desafios. Exige uma integridade que não pode ser abalada, uma retidão de conduta que não pode ser minada, uma clareza de pensamento que não pode ser obscurecida, um amor pelo próprio país que não pode ser manipulado. Agora que os vossos concidadãos compreendem a vossa condição, e as possibilidades à vossa maior participação na vida da sociedade haverão de surgir, iremos orar para que sejais auxiliados pelo Alto a explicar aos vossos amigos e compatriotas a estrutura articulada nestas páginas para que, em colaboração com eles, encontreis cada vez mais oportunidades para trabalhar pelo bem do vosso povo sem comprometer, de nenhuma maneira, a vossa identidade enquanto seguidores d'Aquele Que convocou a humanidade, há mais de um século, para uma Nova Ordem.

A CASA UNIVERSAL DE JUSTIÇA